

## O CENÁRIO EDITORIAL DE *VIDA E MORTE DE M.J. GONZAGA DE SÁ*, DE LIMA BARRETO

Rodrigo Lima Maciel\*  
Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisabeth Baldwin.

### RESUMO

O período que vai de 1909 até 1919 foi considerado pela crítica literária um momento de grande pobreza em nossa literatura. No Brasil, a cultura impressa resumia-se a jornais, revistas e, em menor escala, livros. Nesse contexto, em 1918, surge a editora da revista cultural Revista do Brasil (RB). A RB foi comprada por Monteiro Lobato, que fez da empresa mais que uma revista, uma grande editora. Dentre os principais livros editados pela editora da RB figurava o romance do escritor Lima Barreto: *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*. A partir das transações que envolvem o processo de edição desse romance de Lima Barreto – registradas, sobretudo, nas cartas trocadas entre Monteiro Lobato (o editor) e Lima Barreto (autor) – vamos nos debruçar sobre a seguinte questão: em quais condições culturais, literárias e editoriais se dá a publicação desse romance? Para realizar essa investigação, temos como referências teórico-metodológicas as articulações do teórico D. F Mckenzie, a partir da proposta de estudar a Sociologia dos Textos, bem como as discussões propostas por Roger Chartier quanto à necessidade de investigar os agentes envolvidos com a publicação, impressão e leitura do texto.

**Palavras-chave:** Crítica Textual. Sociologia dos Textos. Lima Barreto. Cenário. Produção. Edição.

### ABSTRACT

The period from 1909 to 1919 was considered by literary criticism a time of great poverty in our literature. In Brazil, the printed literature- was mainly published through newspapers, magazines and, to a lesser extent, through books. In this context, in 1918, the publisher of Revista do Brasil (RB) was opened. RB was purchased by Monteiro Lobato who- transformed that company into more than a magazine, indeed, into a major publisher. Among the books edited by RB figured the novel *Vida e Morte* de M.J. Gonzaga de Sá by the writer Lima Barreto. Starting with the-transactions that involved the editing process of this novel by Lima Barreto - recorded mainly in those letters exchanged between Monteiro Lobato (the editor) and Lima Barreto (the author) – we tackle the following question: under what-cultural, literary and editorial conditions the publication of such novel occurred? The theoretical and methodological references of this research work are based on- D. F Mckenzie’s, proposal to study the sociology of texts, as well Roger Chartier’s discussions on agents-involved with text publication, printing and reading processes.

**Keywords:** *Textual Criticism*. Socialization of Texts. Lima Barreto. Setting. Production. Edition.

---

\*Mestrando em Literatura e Cultura pela Pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia. E-mail: rodrigo.let@gmail.com.

[...]

- Como?
  - Muito simplesmente... Analisemos: quais são os meios de publicidade [no Brasil]?
  - O jornal e a revista.
  - e o livro, concluiu Gonzaga de Sá.
  - O livro também.
- (BARRETO, 1919. p.91)

## 1 INTRODUÇÃO

Apresentamos, nas páginas a seguir, uma breve investigação sobre o cenário e os bastidores de edição do romance *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* (1919), tradicionalmente conhecido como *Gonzaga de Sá*, do escritor carioca Lima Barreto.

Enveredamo-nos por um estudo crítico e sociológico dos processos de produção, transmissão, circulação e recepção desse romance. Nessa perspectiva, esta abordagem compromete-se diretamente com os estudos filológicos, num sentido mais restrito, com os estudos da Crítica Textual. Para que não caíamos nas complicações que envolvem o termo:

[...] pode-se entender a Crítica Textual (Filologia *stricto sensu*) como um feixe de práticas de leitura, interpretação e edição que, a um só tempo, consideram como objeto, de modo indissociável, **língua**, **texto** e **cultura**. Tem por objetivo a compreensão e estudo dos processos (i) de produção das práticas de cultura escrita; (ii) de transmissão histórica dos textos; (iii) de circulação social do texto, (iii) recepção e reconfigurações que uma dada época constrói para o texto [...] (BORGES et al. 2012, p.21)

Assim, a Crítica Textual está comprometida, principalmente, com o estudo histórico, linguístico, literário e sociológico do texto, considerando também a sua materialidade e, em muitos casos, propondo novas edições.

Nas últimas décadas do século passado, os estudos no campo da Crítica Textual têm tomado novos caminhos e demonstrado novos interesses no que tange à finalidade do trabalho e aos *modus operandi* do texto. Sobre isso, Rita Marquilhas, em seu texto *A filologia oitocentista e a Crítica Textual*, aponta para algo cerne da abordagem teórica que dará suporte a nossa pesquisa, isto é:

As modalidades renovadas de crítica textual que surgiram no último quartel do século XX – a **sociologia dos textos** e a crítica genética [...] revelam a plasticidade

## O CENÁRIO EDITORIAL DE *VIDA E MORTE DE M.J. GONZAGA DE SÁ*, DE LIMA BARRETO

da crítica lachmanniana e a sua capacidade de diálogo com novas análises da cultura e da sociedade. (MARQUILHAS, 2008, p.8, grifo nosso).

Enquanto nova modalidade da Crítica Textual, a crítica sociológica, tendo como proponentes Jerome McGann (1983) e Donald F. Mckenzie (1986), tem buscado enfatizar o estudo da recepção do texto e de seu contexto sócio-histórico, além de conferir uma atenção aos suportes textuais na construção social dos sentidos do texto.

Portanto, buscamos enfatizar a influência desses fatores externos que fazem parte dos bastidores de edição e publicação de um livro, sobretudo nos processos de circulação e transmissão do texto. Nesse sentido, os estudos de Donald F. Mckenzie, no que se referem à Sociologia dos Textos, que, aqui, servem-nos como aparato teórico-metodológico para pensar a história do *Gonzaga de Sá*, nos domínios socioculturais. Para Mckenzie (1999, p.15):

Em um nível, uma sociologia simplesmente nos faz lembrar um leque de realidades sociais que o meio de impressão teve que atender [...]. Mas também nos leva a considerar os interesses e as interações humanas que envolvem os textos em todas as fases de sua produção, transmissão e consumo. Ela [a sociologia] nos alerta para os papéis das instituições e suas estruturas complexas afetando as formas do discurso social, o passado e o presente (tradução nossa).<sup>1</sup>

É a partir dessa perspectiva sociológica, que propomos uma história editorial. Para isso, utilizaremos as cartas trocadas entre o editor (Lobato) e o autor (Lima), que são mais de 40, tratando sobre diferentes assuntos, principalmente a respeito do processo da própria edição do *Gonzaga de Sá*. A partir dessas cartas que, em diálogo com uma investigação sobre o mercado editorial brasileiro, mais especificamente no eixo Rio-São Paulo, no início do século XX, nos propomos a estudar as condições editoriais de produção do romance *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, evidenciando três fatores: o econômico, o cultural e o literário. Para isso, inicialmente, apresentamos uma contextualização do cenário editorial que envolve os processos de produção do romance.

## 2 A EDITORA REVISTA DO BRASIL E OS FATORES ECONÔMICOS

---

<sup>1</sup> At one level, a sociology simply reminds us of the full range of social realities which the medium of print had to serve, from receipt blanks to bibles. But it also directs us to consider the human motives and interactions which texts involve at every stage of their production, transmission, and consumption. It alerts us to the roles of institutions, and their own complex structures, in affecting the forms of social discourse, past and present (MCKENZIE, 1999, p.15).

O fim do século XIX e o início do século XX se configuram como um momento agregador de diferentes eventos, que contribuíram para uma transformação no mercado editorial brasileiro. Dentre esses eventos, destacamos:

- a) a industrialização e o desenvolvimento da produção de máquinas no Brasil;
- b) a decadência da famosa editora francesa – Garnier;
- c) o surgimento de pequenas editoras, livrarias e tipografias interessadas em editar autores nacionais com baixos custos; e
- d) a influência dos ideais modernistas quanto à renovação nos padrões de produção artístico-literários.

Nesse contexto, mais especificamente em 1918, o escritor paulista Monteiro Lobato (1882-1948), decidiu investir uma parte do dinheiro que conseguiu, ao vender sua fazenda numa revista cultural muito respeitada em São Paulo, a *Revista do Brasil* (RB), da qual já era colaborador. No mesmo ano, Monteiro Lobato fez da RB uma editora, mais tarde reconhecida como Monteiro Lobato & Cia. O escritor paulista realizou diversos investimentos para dar visibilidade à sua editora, tanto no que se refere à estrutura da empresa, às modernizações das máquinas e às estratégias de edição e publicação de livros quanto às parcerias que firmou com nomes que já gozavam de certo reconhecimento no mercado (KOSHIYAMA, 2006) – uma dessas parcerias foi sua ligação com o escritor carioca Lima Barreto.

Em setembro de 1918, Monteiro Lobato enviou uma carta a Lima Barreto, convidando-o, de forma honrosa, para tê-lo entre seus colaboradores, não só na revista, mas também em sua editora.

Prezadíssimo Lima Barreto,

[...] A Revista do Brasil deseja ardentemente vê-lo entre os seus colaboradores. Ninhos de medalhões e pérolas, ela clama por gente interessante que dê coisas que caíam no gosto do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõezinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade dos nossos autores. Queremos contos, romances, o diabo, mais à moda do “Policarpo Quaresma”, da “Bruzundanga”, etc. (CAVALHEIRO, 1955, p.13).

A resposta dessa primeira carta é desconhecida (até mesmo dos principais editores da correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto: Francisco de Assis Barbosa e Edgard Cavalheiro); no entanto, o que se depreende das próximas cartas enviadas por Lobato é que Lima Barreto mandou-lhe os originais de *Vida e Morte de M.J Gonzaga de Sá*

## O CENÁRIO EDITORIAL DE *VIDA E MORTE DE M.J. GONZAGA DE SÁ*, DE LIMA BARRETO

(CAVALHEIRO, 1955, p.14). Lobato tinha grande identificação com os textos de Lima e considerava que era um ótimo negócio editar um romance do autor de Isaías Caminha.

Nesse momento, Lima Barreto já era um escritor conhecido no Rio de Janeiro e atraía as atenções da cena literária brasileira, sobretudo do eixo Rio-São Paulo, embora o escritor sofresse o silenciamento dos importantes jornais conservadores; isso devido ao seu discurso e, principalmente, por sua cor. No entanto, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicado em 1909 pela Livraria Clássica e Editora, em Portugal, bem como *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, publicado em 1915 pela Revista dos Tribunais, conferiram-lhe um nome entre os intelectuais cariocas.

Apesar de pobre e vítima de preconceito racial, Lima, com seu talento, conseguiu situar-se no *mainstream* da crítica literária e cultural da época. Comentando sobre a revista que Lima fundou e trabalhou como editor dos seus próprios textos, a *Floreal*, José Veríssimo, um dos críticos de renome da época, afirmou:

Ai de mim, se fosse a — revistar aqui quanta revistinha por aí aparece que com a presunção de literária, artística e científica. Não teria mãos a medir e descontentaria a quase todos; pois a máxima parte delas me parecem [sic] sem o menor valor, por qualquer lado que as encaremos. Abro uma justa exceção, que não desejo que fique como precedente, para uma magra brochurazinha que, com o nome esperançoso de Floreal, veio ultimamente a público, e onde li um artigo — Spencerismo e Anarquial, do Senhor M. Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela, Recordações do escrivão Isaías Caminha, pelo Senhor Lima Barreto, nos quais creio descobrir alguma coisa. E escritos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão (VERÍSSIMO, 1907).

No entanto, nem todos os livros de Lima Barreto chamaram a atenção do grande público, como por exemplo: *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*. Esse romance, editado por Monteiro Lobato, apesar da baixa popularidade e notoriedade que teve, foi o primeiro livro de Lima Barreto que lhe conferiu a dignidade de ser bem remunerado como um escritor reconhecido e ter melhores condições de edição.

A Revista do Brasil foi projetada dentro de um conjunto de inovações gráficas, administrativas e culturais, uma iniciativa do gerente do Jornal d'O Estado de S. Paulo, Júlio de Mesquita, além das colaborações de Plínio Barreto e de José Pinheiro Machado Jr.

“Em 1912, O jornal lançou mão de empréstimos por debêntures visando à compra de imóveis para a construção de novas instalações para as oficinas, redação e administração, além de haver encomendado uma nova impressora e linotipos (LUCA, 1999, p.37-38).”

Dessa forma, quando Monteiro Lobato comprou a RB, em 1918, apesar das dívidas, tal revista já tinha certo prestígio da crítica, assim como contava com as instalações necessárias para uma intensificação da produção editorial. Muito entusiasmado, em menos de um ano, Lobato, em carta, revelava o aumento da produção ao amigo Godofredo Rangel: “O negócio vai crescendo de tal modo que já estamos montando oficinas próprias, especializadas na fatura de livros. [...] Também iniciamos a importação de papel. [...]” (LOBATO, 1951, p. 192). Em outra carta, Lobato ainda afirmou: “Aqui morre-se [sic] de trabalhar. Já temos oficinas próprias e problemas operários. E firma registrada na Junta Comercial. Chamamos, na ‘praça’, Olegário Ribeiro, Lobato & Cia. Limitada!” (LOBATO, 1951, p.192).

Nesse contexto, ao firmar um acordo com Lima Barreto, a proposta de edição do *Gonzaga de Sá* parecia ser uma negociação que traria benefícios para ambos. Lobato acreditava tanto no sucesso editorial dos textos de Lima, que o *Gonzaga de Sá* foi o livro mais bem pago na editora da RB. Leia-se:

A Revista do Brasil tem muito gosto em editar essa obra e o faz nas seguintes condições: como é pequena, podendo dar um volume aí de 150 páginas, mais ou menos, convém fazer uma edição de 3.000 exemplares em papel de jornal que permita vender-se o livro a 2\$000 ou no máximo a 2\$500; neste caso, proponho 50% dos lucros líquidos do autor, pagáveis à medida que se for realizando (CAVALHEIRO, 1955, p.14).

No entanto, ao receber os originais do *Gonzaga de Sá*, percebeu Lobato que o processo de revisão do texto lhe traria grandes problemas. Os originais enviados estavam em um estado de ilegibilidade terrível.

O CENÁRIO EDITORIAL DE VIDA E MORTE DE M.J. GONZAGA DE SÁ, DE LIMA BARRETO

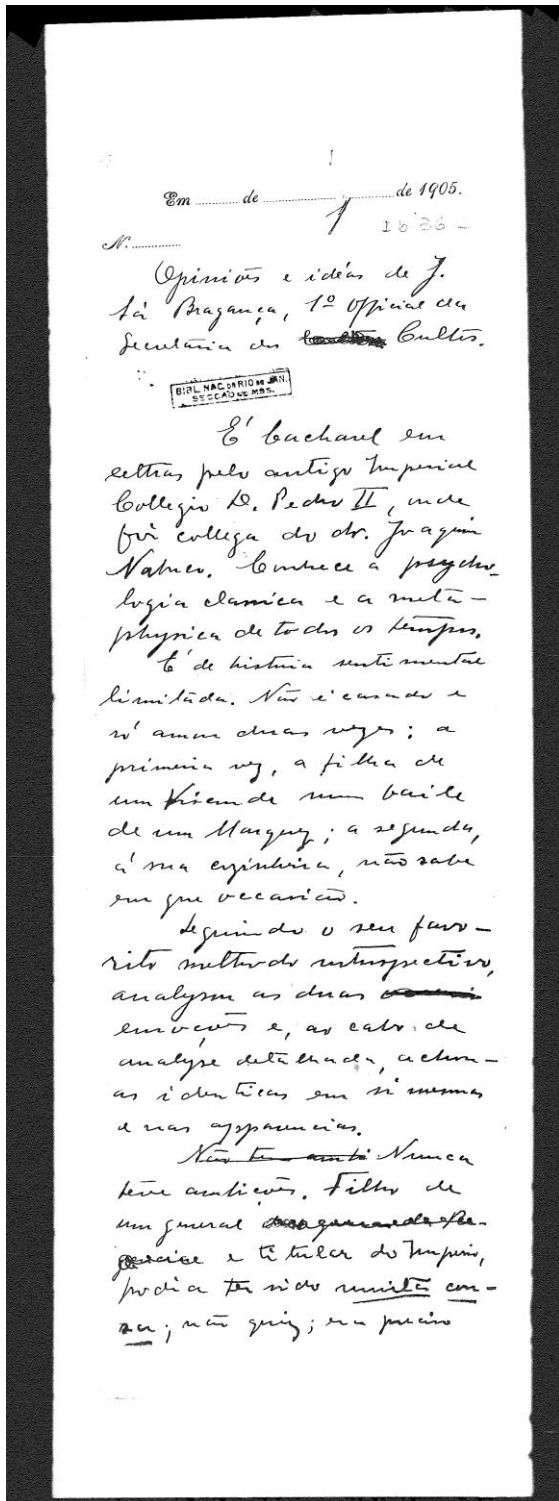


Figura 1 – fôlio 1, originais de Vida e M..J. Gonzaga de Sá. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [190?].

0 Em.....de..... de 1905  
N.....

Opiniões e idéas de J.  
Sá Bragança, 1º official da  
5 Secretaria dos [†] Cultos.

É Bacharel em  
letras pelo antigo Imperial  
Collegio D. Pedro II, onde  
foi colega do dr. Joaquim

10 Nabuco. Conhece a /psycho-  
logia\*/ clássica e a /meta-  
physica\*/de todos os tempos.

É de historia sentimental  
limitada. Não é casado e

15 só amou duas vezes: a  
primeira vez, a filha de  
um Visconde num baile  
de um Marquez; a segunda,  
a sua cozinheira, não sabe  
20 em que ocasião.

Seguindo o seu favo-  
rito methodo introspectivo,  
analisou as duas [†]  
emoções e, ao cabo de  
25 analyse detalhada, achou-  
as identicas em si mesmas  
e nas apparencias.

(/Não tem ambi\*/) Nunca  
teve ambições filho de

30 um general [†]  
[†] e titular do Imperio,  
podia ter sido muita coisa  
mas; não quis; era preciso

Ao lado da Figura 1, segue a transcrição. Em nota, os critérios<sup>2</sup> adotados e a descrição<sup>3</sup> do material.

Como observamos na transcrição do manuscrito apresentado, de fato, os originais, enviados a Monteiro Lobato, dificultavam bastante à compreensão do texto por parte dos revisores. Edgard Cavalheiro, amigo e biógrafo de Lobato, declarou: “Contou-me Monteiro Lobato que os originais do ‘Gonzaga de Sá’ constituíam uma autêntica charada, cuja decifração exigiu noites de beneditina paciência” (CAVALHEIRO, 1955. p.18). É preciso fazer algumas ressalvas sobre a letra de Lima Barreto. A questão parece ter sido tão pesada para Lobato que, em carta ao amigo Godofredo Rangel, ele confessa:

*Fechei neste momento um romance de Lima Barreto, Isaías Caminha. É dos tais legíveis de cabo a rabo. Romancista de verdade. Amanhã vou assinar com ele contrato para a edição de um livro novo, Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá, cujos originais já estão aqui. A letra é infamíssima e irregularíssima. Há trechos em que o autor positivamente cambaleia, e outros em que pára para “destripar o mico”. Mas, quanto talento e do bom! (LOBATO, 1964, p.186).*

Nesse sentido, notamos a importância e o papel do editor/revisor no labor editorial do livro. É fundamental, sobretudo para os estudos filológicos relacionados com a história da escrita, da cultura impressa, do estudo do texto *lato sensu*, transcender qualquer concepção de composição na autoria do livro em que desconsidere os agentes que estão em na cena editorial. Sobre isso Chartier comenta:

A questão essencial que, na minha opinião, deve ser colocada por qualquer história do livro, da edição e da leitura é a do processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e leem (CHARTIER, 2002, p. 61).

Por outro lado, é preciso considerar também que o contexto de produção do *Gonzaga de Sá* para Lima Barreto foi de caos e problemas de saúde. Francisco de Assis Barbosa escreveu sobre essa triste fase da vida do autor de Policarpo Quaresma, “Durante dois meses, diz ele, Lima ficou em tratamento no Hospital Central do Exército. De novembro de 1918 a janeiro de 1919, internara-se no Hospital com a clavícula quebrada, numa crise de alucinação alcoólica.” (BARBOSA, 1975, p.264). Na carta que respondeu a Lobato, Lima Barreto deixou evidente

<sup>2</sup> Os seguintes operadores foram utilizados como critérios para a transcrição:

(†) Ilegível, [†] Rasura Ilegível, ( ) rasura, / \*/ leitura conjecturada, (/ \*/) rasura e leitura conjecturada.

<sup>3</sup> Fac-símile (do fôlio 1), 33 linhas. Suporte com bordas escuras ao redor. Suporte em bom estado de conservação. Trata-se de uma agenda/caderneta de pequena largura e maior comprimento, datada em 1905 com espaços para dia e mês. Escrita em caneta-tinteiro preta. Entre as linhas 6 e 7, no centro, carimbo de catalogação da Biblioteca Nacional “BIBLNACDORIODEJAN SECCAO DE MSS”. Entre as linhas 1 e 2, no centro, verifica-se o número 1, marca autoral da numeração do manuscrito. Entre as linhas 1 e 2, na parte esquerda em escrita fraca “1636”.

## O CENÁRIO EDITORIAL DE *VIDA E MORTE DE M.J. GONZAGA DE SÁ*, DE LIMA BARRETO

seu estado de produção: “[...] Se não lhe escrevi logo, foi por que esperava em breve ter o meu braço esquerdo sem aparelhos e capaz dos movimentos ou do movimento que exige escrever a pena” (CAVALHEIRO, 1955, p.15). O datiloscrito original tinha tantas emendas que teve de ser totalmente redatilografado antes de enviado às oficinas. Três mil exemplares do *Gonzaga de Sá*, editados pela RB, sequer foram esgotados, havendo várias devoluções. Assim, *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* configurou-se como “um fracasso comercial contrariando as expectativas do editor” (BARROS, 1957, p.76).

### 3 A CULTURA IMPRESSA E AS PRÁTICAS CULTURAIS

Para Edgard Cavalheiro, o período de 1909 até 1919 foi considerado pela crítica literária um momento de grande pobreza em nossa literatura, pelo menos no que diz respeito aos romances tidos como importantes para o cânone. No Brasil, a cultura impressa resumia-se a jornais, revistas e, em menor escala, a livros. Até a Editora *Garnier*, que reinou como a principal editora de literatura hispano-americana em todo o mundo, já sinalizava o seu fim.

Pouco se escrevia, não se publicava quase nada. O jeito era reler o velho e grande Machado, ou Aluísio, Coelho, João do Rio, Julia Lopes... Depois desse grupo, que imperou até o começo do século surgira Afrânio Peixoto, com os seus hoje medíocres romances. Mas, na época era o que de melhor se podia apresentar (CAVALHEIRO, 1955, p.10).

Apesar da publicação de alguns livros, de materiais didáticos e de pequenas revistas, além de periódicos semanais, a imprensa brasileira, até a segunda metade do século XX, esteve, majoritariamente, direcionada ao jornal. Nesse período, em São Paulo, os jornais que mais se destacaram foram o *Jornal do Brasil* (*O Estadão – O Estado de São Paulo*), *A Tribuna do Povo*, *A Gazeta*, *O Globo* e *a Folha de São Paulo*, enquanto, no Rio de Janeiro, *O Correio da Manhã*, *A Gazeta do Rio* e *O País* (HALLEWELL, 2005).

A história editorial dos textos de Lima Barreto está intimamente ligada à história e à supremacia desses grandes jornais cariocas. Quando *Recordações do escrivão Isaías Caminha* começou a circular em folhetins em 1907, antes mesmo de ser publicado como livro em Portugal, sua repercussão foi determinante na carreira do autor (NOGUEIRA, 2007, p.4). O *Isaías Caminha* é, em parte, um texto autobiográfico em que Lima denuncia o preconceito racial que sofreu, convivendo entre – nas suas palavras – “os pseudo-intelectuais” da elite carioca. Por apresentar uma veemente crítica ao *Correio da Manhã*, o diretor do jornal que,

naquele momento era Edmundo Bittencourt, proibiu que o nome e os textos de Lima Barreto circulassem em seu jornal, de maneira que outros veiculadores de opinião também tiveram a mesma postura (KELLER; GOLIN, 2009).

Acreditamos que foram experiências como essa que trouxeram a Lima Barreto uma consciência crítica quanto à relação literatura/jornalismo/poder/consagração. Foi nessa perspectiva que Lima endividou-se, com muitos empréstimos, para fundar e manter a Revista Floreal, na tentativa de garantir seu espaço de publicação. Infelizmente, devido aos custos, a revista não passou da quarta edição. Essa relação jornalismo/poder ainda perdura, talvez, de modo mais atual na configuração mídia/poder, tendo em vista que os meios comunicativos permanecem instrumentos sacralizadores e silenciadores de artistas, intelectuais, ou seja, de pessoas públicas. Nesse sentido, é importante entender que estudar a história dos impressos no Brasil seria, também, estudar a história das classes e dos grupos economicamente favorecidos do país.

É nesse contexto que as práticas editoriais de Monteiro Lobato chamam atenção para a história do livro no Brasil. Como ele mesmo disse: “Ah, fui um editor revolucionário. Abri as portas aos novos [...] Nosso gosto era lançar nomes novos, exatamente o contrário dos velhos editores que só queriam saber de ‘consagrados’” (LOBATO, 1955b, p. 255). Mesmo considerando que Lima Barreto já tinha certo nome no cenário carioca e paulista, em parte, podemos afirmar também que foi a Revista do Brasil que deu maior circulação aos seus textos-. Isso se deve aos cuidados para com os suportes textuais, bem como as estratégias de edição e circulação dos textos adotados por Lobato.

É interessante atentar que essas preocupações de Monteiro Lobato com as questões relacionadas aos suportes textuais e a circulação do texto estão em consonância com o que Roger Chartier chamou a atenção em *Desafios da Escrita*:

Os textos não existem fora dos seus suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que suas formas permitem sua leitura e audição ou sua visão participam profundamente da sua construção e significados. O “mesmo” texto fixado em letras, não é o “mesmo” caso mudem os dispositivos de sua escrita e comunicação” (CHARTIER, 2002. p.61-62).

Para exemplificar, quando se verificou que as vendas do *Gonzaga de Sá* eram ínfimas, Lobato propôs uma nova encadernação, de cor alaranjada, para atrair os olhos dos compradores. Para que a circulação do romance tivesse melhor êxito, o editor se antecipava as encomendas dos livros por parte das livrarias e dos compradores, dobrando as entregas e assumindo os custos de devolução caso os livros não saíssem. Além disso, conhecendo o

## O CENÁRIO EDITORIAL DE *VIDA E MORTE DE M.J. GONZAGA DE SÁ*, DE LIMA BARRETO

poder reverberador da crítica, Monteiro Lobato enviava notas públicas para dar visibilidade ao livro “[Gonzaga de Sá] o romance de crítica social sem doutrinário dogmático” (LOBATO, 1965. p.30).

São essas questões – que permeiam a esfera pública do livro – que marcam a perspectiva crítica da Sociologia dos Textos. Sobre isso afirmou Mckenzie (1999, p.17): “a investigação particular que eu pretendo seguir é se as formas materiais de livros, os elementos não verbais das anotações tipográficas dentre eles, a própria disposição do espaço em si, exercem uma função expressiva em transmitir significado ou não [...] (tradução nossa) <sup>4</sup>”. Conclui-se, assim, que as formas materiais que dão suporte aos textos afetam seu sentido. Todas as marcas escritas disponibilizadas à leitura apresentam-se em suportes materiais diferenciados e cada uma dessas formas materiais se coloca segundo padrões específicos, os quais, visivelmente, influenciam a construção e a atribuição de sentidos.

### 4 AS PERSPECTIVAS LITERÁRIAS

Os primeiros anos do início do século XX, até a famosa Semana de Arte Moderna em 1922, foram considerados, pela tradicional historiografia literária, como um período de transição chamado Pré-Modernismo. No entanto, a mesma historiografia não encontrou elementos comuns, nos textos dessa fase, que pudessem caracterizar autores e obras numa determinada “escola”, “estilo”, como acontece em outros períodos. Foi exatamente nesse contexto que *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* foi editado e publicado (1918-1919).

Do ponto de vista estético-literário, a partir das perspectivas literárias do fim do século XIX – extremamente influenciadas pelos estudos, eventos e avanços das ciências naturais (darwinismo, lamarquismo, teorias raciais) e humanas (positivismo, determinismo, marxismo), romancistas e poetas consideram a necessidade de uma literatura que dialogasse mais diretamente com as questões sociais e políticas. As preferências dos leitores e escritores, em sua maioria, já tendenciavam para uma linguagem mais próxima dos ideais modernistas. Retomando a citação, notamos que, na primeira carta convite da Revista do Brasil dirigida a Lima, Monteiro Lobato tratou essa questão como essencial:

---

<sup>4</sup> “[...] the particular inquiry I wish to pursue is whether or not the material forms of books, the non-verbal elements of the typographic notations within them, the very disposition of space itself, have an expressive function in conveying meaning [...]” (MCKENZIE, 1999, p.17)

[...] ela [a Revista do Brasil] clama por gente interessante que dê coisas que caiam no gosto do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas **preocupaçãozinhas de toilette gramatical** que inutiliza metade dos nossos autores. Queremos contos, romances, o diabo, mais à moda do “Policarpo Quaresma”, da “Bruzundanga”, etc. (CAVALHEIRO, 1955, p.13, grifo nosso).

Dentre outras questões, os novos paradigmas de produção artística, propostos pelo movimento modernista, sinalizavam para a necessidade de uma linguagem mais popular, uma lírica menos comportada, menos comedida, para citar Manuel Bandeira. A prosa barretiana, como disse Lobato, era despreocupada desses cuidados de “*toilette gramatical*”; isto é, dessa “higiene” na escrita, que caracteriza os grandes escritores. Além da linguagem, Lima estava interessado na máxima modernista – a retomada das discussões da nacionalidade brasileira.

Nesse sentido, notamos que, apesar da escrita de Lima Barreto ter sido agradável ao público carioca, o *Gonzaga de Sá* não teve uma boa recepção, para melhor dizer, foi um dos romances de Lima de menor expressão, embora recebesse menção honrosa da Academia Brasileira de Letras. *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* é mais uma sofisticada ode barretiana à falsa intelectualidade, ao purismo e ao “progresso” do Brasil, naquele época. O romance foge da tradicional estrutura de enredo, sendo construído a partir dos diálogos entre o velho Gonzaga de Sá, que trabalhava na Ordem da “Secretária dos Cultos” e o jovem Augusto Machado. Nessa perspectiva, Paulo Ronai, no Jornal Diário de Notícias, de 1949, comentou:

O Livro de Lima Barreto que mais oferece problemas a história literária é *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*. Nenhum outro [romance] choca tanto com os moldes tradicionais do gênero. Em alguns momentos, o enredo propõe uma reflexão sobre a biografia do Gonzaga de Sá, sem, porém, apresentar um caráter demasiadamente memorialístico (RONAI, 1949).

Retomando a questão da baixa popularidade do *Gonzaga de Sá*, comenta Alice Mitika Koshiyama:

[...] Se eram sinceras as opiniões de Lobato enquanto correspondente de amigos, para ele, os êxitos comerciais de livros não atestavam, necessariamente, valor literário. Em agosto de 1918 ele dizia que as obras preferidas pelo público não são as melhores, as mais artísticas. [...] Por que se reedita então? – Por que se vende. Já que o público é besta, toca explorar o público (KOSHIYAMA, 2006. p. 70).

Embora tivesse pouquíssima experiência como editor, notamos que Lobato compreendia muito bem algumas questões que envolvem o processo de circulação e produção de cultura. Sobre essa questão, Bourdieu, em *As regras da Arte*, ajuda-nos a entender tal relação entre campo e produto artístico-literário:

## O CENÁRIO EDITORIAL DE *VIDA E MORTE DE M.J. GONZAGA DE SÁ*, DE LIMA BARRETO

[...] o campo literário tende a organizar-se segundo dois princípios de diferenciação independentes e hierarquizados: a oposição principal, entre a produção pura, destinada a um mercado restrito, aos produtores, e a grande produção, dirigida para a satisfação das expectativas do grande público [...] (BOURDIEU, 1996. p.141).

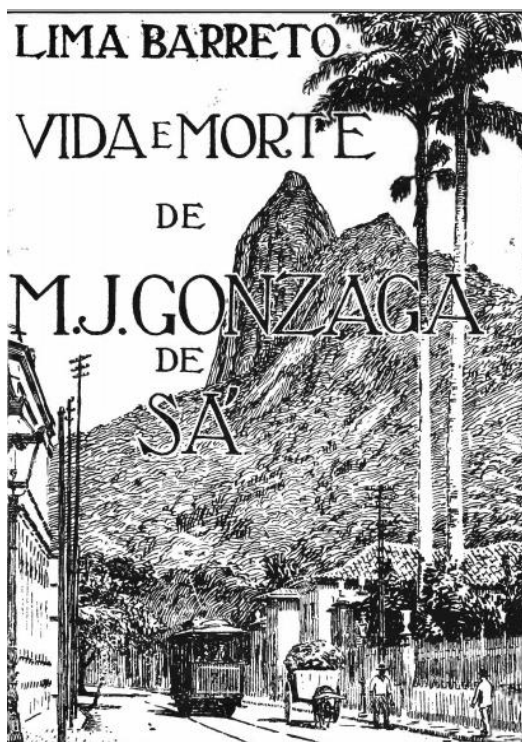


Figura 2- Fac-símile da contracapa da 1ª edição do *Gonzaga de Sá*, 1919.

O sucesso de vendas, a fama e os elogios da crítica dependem de uma gama de fatores e agentes, que caracterizam o mercado de produção. Como disse Bourdieu (1996), o campo literário – o mercado dos impressos – organiza-se pela diferenciação desses interesses de produção. Nesse sentido, é importante entender as repercussões midiáticas em torno do *Gonzaga de Sá* no bojo de tais discussões sobre mercado e produção.

### 5 CONSIDERAÇÕES

A história editorial de *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* é reveladora de fatos importantes para a história dos impressos no Brasil, bem como para se conhecer a vida de Monteiro Lobato como editor e, sobretudo, a história das edições dos textos de Lima Barreto.

Ao longo dos anos, a história do escritor Afonso Henrique de Lima Barreto esteve excessivamente relacionada a diferentes manuais de literatura, ou a duas informações de bastidores – a má caligrafia e seus problemas com bebidas alcóolicas. Parece haver um acordo taciturno, na nossa crítica literária, que o nome e a obra de Lima Barreto precisam, de forma indissociável, ligar-se a esses dois assuntos. Assim, tudo isso nos pareceu contribuir, de forma bastante tendenciosa, para a minimização da imagem, do talento e dos textos do autor.

Observou-se, então, que devido à sua caligrafia, sobretudo, os críticos literários e jornalistas tendiam a acusar Lima Barreto de “uma escrita pobre”, de “escrever mal” e de “deslizes gramaticais”. No entanto, antes de qualquer acusação aos textos de Lima, seriam necessárias investigações no que concerne aos bastidores da produção (edição e publicação) de algumas de suas obras, pessimamente editadas, devidos às condições físicas e econômicas do autor. Espera-se que a produção de algumas edições críticas e/ou genéticas dessas obras possam contribuir para compreendermos como os diferentes atores (editor, revisor, tipógrafo) deixam também suas marcas textuais, tarefa pela qual os filólogos têm se interessado em investigar, contribuindo para que se possa conhecer outras facetas do processo de construção dos textos em questão.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Leonel Vaz de. *Páginas vadias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p.76.
- BORGES, Rosa. et al. *Edição de texto e Crítica Filológica*. Salvador: Quarteto, 2012. p.21.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CAVALHEIRO, Edgard. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Rio de Janeiro: MEC/Serviço de Documentação, 1955. Caderno de Cultura.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP. 2005.
- KELLER, Sara. GOLIN, Cida. Prestígio, poder e mediocridade: o jornalista em Lima Barreto. São Paulo: *Revista Anagrama*. Ano 2. Edição 4. 2009.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato/ intelectual, empresário, editor*. 2a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

## O CENÁRIO EDITORIAL DE *VIDA E MORTE DE M.J. GONZAGA DE SÁ*, DE LIMA BARRETO

LIMA BARRETO, Affonso Henrique de. *Vida e Morte de J.M. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Editora Revista do Brasil, 1919, p.91.

LOBATO, M. *A barca da Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, p.186.

LOBATO, Monteiro. *Críticas e Outras Notas*. São Paulo. Brasiliense, 1965, p.30.

LUCA, Tânia de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)Ação*. São Paulo, Fundação da Editora da Unesp, 1999, p. 37-38.

MARQUILHAS, Rita. *Filologia oitocentista e crítica textual*. In: ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL FILOLOGIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO. Lisboa, Faculdade de Letras, 17-19 de Novembro de 2008.

MCGANN, Jerome. *A Critique of Modern Textual Criticism*. Chicago: University of Chicago Press. 1983.

MCKENZIE, Donald F. *Bibliography and the sociology of texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

NOGUEIRA, Clara Asperti. Lima Barreto e a crítica: A publicação de Recordações do Escrivão Isaías Caminha. São Paulo: *Revista Línguas & Letras*. n.21, 2010.

RONAI, Paulo. A margem de Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá. *Jornal Diário de Notícias*. São Paulo: 22 de setembro de 1946.

VERÍSSIMO, José. Revista Literária. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro: 09 de dezembro de 1907.